

Propostas para um diálogo: *Os sertões* em visita ao *O Uruguai*

Raquel R. Souza*

É consenso da crítica considerar *Os sertões*, de Euclides da Cunha, como uma narrativa de forte apelo épico aliado ao esquema dramático das tragédias de matriz grega. Ou ainda, ver a obra como uma releitura às avessas do Apocalipse de São João, mesmo levando em consideração o esquema científico-determinista da divisão em três partes.¹ É lícito também considerarmos a intenção explícita do autor em realizar um texto “não-literário”, cuja proposta era a de ser um candente brado contra as injustiças da Primeira República Brasileira. Para tal fim, armava-se de fatos e acontecimentos de uma realidade que circundou o narrador durante o episódio bélico-religioso da Revolução de Canudos em 1897, no sertão baiano. Por fim, é preciso considerarmos a importância do texto euclidiano pela ênfase recaindo na Literatura e sua inclusão num período extremamente problemático como o conhecido Pré-Modernismo.

Interessa-nos observar o processo de construção literária que dialoga com outro texto de envergadura também importante, qual seja, *O Uruguai*, do árcade José Basílio da Gama.² Os referidos textos são separados, aproximadamente, por 200 anos, durante os quais o Brasil colônia transforma-se, pelo menos no plano político, em Brasil republicano. Eclodem muitos acontecimentos: Guerras Guaraníticas ao sul da colônia, com vistas a manter a hegemonia do território sob o jugo da Coroa Portuguesa; Inconfidência Mineira e o fracasso nas tentativas de baixar o imposto sobre o ouro brasileiro; proclamação da Independência em relação a Portugal com a continuação da família Orleans e Bragança no poder do novo

* FURG.

¹ Cf. GALVÃO, Walnice Nogueira. Euclides da Cunha. In.: PIZARRO, Ana (org.). *América latina – palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994. v. 2.

² TEIXEIRA, Ivan. A tróia de barro. *CULT – Revista Brasileira de Literatura*. São Paulo, n. 4, nov. 1997.

país; pensamento mais liberal com o Romantismo e a conseqüente entrada do país no "mundo moderno"; Abolição da Escravatura com a irresponsável criação de uma classe extremamente marginalizada e sem qualquer formação profissional; o golpe militar que culminou na Proclamação da República sem que a população tivesse consciência do ato; e, finalmente, rebeliões que se espalham pelos quatro cantos do país com uma postura amplamente belicosa por parte das forças do novo governo.

Nesse arco temporal encontramos em suas duas extremidades procedimentos bélicos de imensa correspondência, ainda que cada um deles se refira diretamente a uma época distinta da nossa história. No primeiro caso, cronologicamente falando, temos a instauração do processo civilizatório na América portuguesa; na outra ponta do arco encontramos uma repetição daquele processo com vistas a operacionalizar e a efetivar a República Brasileira. Em ambos os casos, a barbárie está a serviço da "modernização".

O *Uruguai* desenvolve-se a partir de uma escrita amplamente alegórica típica da convenção árcade. O texto, que em suma é a narrativa de uma chacina sangrenta, se constrói na glorificação do herói português, Gomes Freire de Andrada e assim surge como poema encomiástico para o grande articulador da política portuguesa daquela época, Marquês de Pombal. A proposta de Basílio da Gama, a julgar por sua vida particular, excedeu os seus objetivos mais imediatos. O que se sabe a respeito de suas intenções, digamos, primeiras é a sua veemente tentativa (vitoriosa) de alcançar o perdão de Pombal por suas relações afetivas com os jesuítas, com os quais estudara na cidade do Rio de Janeiro. Daí advém o soneto de dedicatória ao Marques de Pombal, na época ainda Conde de Oeiras, que abre *O Uruguai*.³ A poesia encomiástica, especialmente em tempos de autocracia (mesmo disfarçada sob a égide da monarquia liberal), é sempre um excelente recurso para alcançar benesses e perdões, além de garantir a mão protetora do mecenas oficial. As rápidas biografias sobre José Basílio da Gama dão conta de noticiar sua tendência à oscilação ideológica. Ligado desde criança aos jesuítas, com quem se formou intelectualmente, o poeta não se constrangeu em transitar para o outro lado da contenda política da época com fins óbvios de escapar à perseguição pombalina. O extremoso elogio à Pombal resultou, entre outros trabalhos do poeta, n' *O Uruguai*.⁴

³ GAMA, Basílio da. *O Uruguai*. Rio de Janeiro: Agir, 1996.

⁴ Cf. TEIXEIRA, Ivan. *Mecenato pombalino e poesia neoclássica*. São Paulo: FAPESP/EDUSP, 1999.

Entretanto, sob pena de cristalizar o que não pode ser congelado, a literatura não pode restringir seu campo exegético a intenções declaradas, ou mesmo enclausurar o texto no seu contexto histórico. Dessa forma, propomos o longo poema de Basílio como uma diegese que, ao apontar o caminho mais viável para a instalação do processo civilizatório português na América, acaba por denunciar esse mecanismo, cuja marca é o genocídio.

Ivan Teixeira afirma que a crítica pós-romântica insiste em ver no texto de Basílio da Gama um germen do nacionalismo indianista, onde a defesa do índio estaria em contraposição ao elemento jesuíta que aparece, no poema, mais por alusões do que efetivamente por ações independentes dentro do universo diegético. O crítico, entretanto, não compartilha dessa visão já amplamente disseminada. Para ele, *O Uruguai* não tem a preocupação com uma visão nativista fundadora de uma nacionalidade incipiente.⁵ Essa opinião, embora por motivos diversos, também é compartilhada por Flávio Kothe,⁶ para quem a construção de um indianismo nacionalista se fundamenta em um engano grotesco. Contudo, essa perspectiva fundacional atribuída ao indígena brasileiro encontra seu exemplo no clássico estudo de Antonio Candido.⁷ Ele aponta, no segundo canto do poema, o conflito de civilizações que marcará as relações de dominação e submissão entre os portugueses e os índios guaranis. Essa visão parcial do texto deixa de lado uma perspectiva mais globalizante da obra como um todo.

Há, por certo, uma órbita em torno da qual o poema se realiza. Trata-se de uma narração carregada ideologicamente a respeito de um episódio histórico, isto é, a batalha de Caaibaté, inserida num acontecimento maior conhecido como "Guerras guaraníticas". A violência pontilha todo o texto. É ela quem determinará as ações e quem calará *xenofobamente* o diferente. O espaço textual do Canto I, no qual o poeta faz sua dedicatória e inicia a descrição de todo aparato para a guerra, indicia o que se dará. A estratégia militar do general Gomes Freire de Andrada, o "herói" oficial, em exibir a força militar portuguesa, antecipa os acontecimentos para o confronto com a nação guaraníca. O envio de armamentos úteis aos campos de batalha resulta no acintoso desfile das tropas e das armas (v. 31/84). O que lemos, então, é uma larga descrição elogiosa

⁵ Cf. TEIXEIRA, Ivan. *Mecenato pombalino e poesia neoclássica*. São Paulo: FAPESP/EDUSP, 1999.

⁶ Cf. KOTHE, Flávio. *Oônimo colonial*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

⁷ Cf. CANDIDO, Antonio. A dois séculos d' *O Uruguai*. In.: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

do poderio bélico do Império português. Os elementos arrolados vão desde a força viril dos comandantes até à fogsidade dos cavalos montados pela soldadesca.

O motivo da guerra, escondido no pretexto encomiástico da exaltação da política pombalina, é o mais antigo de todas as civilizações: a apropriação do território com o conseqüente calar de vozes discordantes. Os versos 160 a 176, do Canto I, na boca do General português, dão conta dessa posição. Curiosamente, o texto expõe a visão eurocêntrica de dominação de território, e explicita o sentido pejorativo com que os indígenas eram vistos (v. 173/176). A permanência dos índios no habitat natural ganha foros de petulância contra o grande império português. Agindo assim, o poeta alicia o leitor na perspectiva de justificar a violência futura contra o elemento indiano que, segundo a ótica pombalina, foi ludibriado com a ascendência dos padres jesuítas na comunidade indígena. Vale dizer, a alegoria arcáde fornece o argumento justificador para o confronto bélico. Trata-se, enfim, de um referendo ao ódio de Pombal pelos jesuítas. Como num jogo de simulacros, o motivo da guerra desejada (embora negado pelo herói) vem mascarado na influência negativa dos "santos padres". Mas também está na única maneira conhecida de apropriação das terras do Continente (v. 235/237, Canto I, e v. 70/75, Canto II).

O que está em jogo no confronto do segundo canto, é, na verdade, a efetiva posse do território através do aparato civilizador, devidamente regulamentado pelas coroas espanhola e portuguesa, que ao fim e ao cabo, estavam igualmente em disputa pelo território. Qualquer coisa que se diferencie nessa engrenagem será considerada ofensiva e perigosa. Assim, nessa perspectiva, os guaranis são enfrentados como inimigos a serem não apenas vencidos, mas fundamentalmente exterminados. No Canto II, a noção da guerra é antecipada como acontecimento inexorável (v. 23/25). Eis a grande tônica do poema: a paixão oblitera a voz da razão, contraditoriamente expressa na fala dos índios Cacambo e Sepé Tiaraju. A ameaça do genocídio é eufêmica, porém incisiva (v. 133/139). Essa idéia é fortalecida e reiterada na proposta metonímica do poder português como força da civilização e da guerra.⁸

Realizada a batalha de Caaibaté com a conseqüente apropriação do território, o último canto dará conta das repercussões de

⁸ Cf. op. cit.: "Os reis estão na Europa; mas adverte / Que estes braços, que vês, são os seus braços. / Dentro de pouco tempo um meu aceno / Vai cobrir este monte e essas campinas / De semivivos palpitantes corpos / De míseros mortais, que inda não sabem / Por que causa o seu sangue vai agora / Lavar a terra e recolher-se em lagos. [...] (v. 157/164 - Canto II).

tamanha violência. A dizimação culmina com um incêndio propositadamente ateado nos últimos redutos da cidadela guaraníca. O fogo é ateado pelos "santos padres". Os brancos, isto é, jesuítas, espanhóis ou portugueses, são europeus que se instalam em solo americano e nele, por força da guerra e da fé, impõem a sua civilização. O que resta de tal empresa, além do genocídio, é a humilhação a que são submetidos os parcos sobreviventes da chacina.⁹

É impossível não percebermos os ecos deste poema narrativo nas páginas de *Os sertões*. Guardadas, naturalmente, as especificidades de cada um, vemos que as articulações imagéticas nos episódios de chegada do homem "civilizado" no local onde se encontram os habitantes naturais, e os respectivos finais que culminam com incêndios ateados pela mão do homem civilizado, ocorrem em instâncias similares. Lá, n' *O Uruguai*, o europeu já aporta nos pampas gaúchos com a firme intenção de conquista bélica. Aproximadamente duzentos anos depois, o sertão baiano se vê na mesma situação. A primeira expedição, narrada na parte A luta, de *Os sertões*,¹⁰ extrapola uma simples e despreziosa advertência aos seguidores de Antônio Conselheiro, no interior da Bahia. A apologia à civilização em seus processos altamente violentos e peculiarmente belicosos fazem parte de ambos os textos.

No primeiro caso, como já vínhamos tratando, ocorre em níveis implícitos, a principiar pela forma narrativa escolhida por Basílio da Gama. Ainda que seja questionável a etiqueta de *poesia épica* ao texto *O Uruguai*, é certo que, por se tratar de poesia, a concisão e a economia vocabular lhe asseguram uma brevidade na narração. Talvez decorra daí também o recurso à metonímia para aludir ao sistema que estava se efetivando no Brasil colonial. Nessa perspectiva, a Batalha de Caaibaté, ocorrida no interior de uma região desprestigiada pela Coroa Portuguesa, transforma-se em um ícone do processo de civilização européia na América. A extensão do fato em si, ou seja, o genocídio, ganha um contorno generalizador dentro do continuum da História do Brasil.¹¹

⁹ "Aos pés do General as toscas armas / Já tem deposto o rude Americano, / Que reconhece as ordens e se humilha, / E a imagem do seu rei prostrado adora" (v. 137/149, Canto V).

¹⁰ CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Francisco Alves, 1942.

¹¹ Nossa proposta de leitura corre no sentido de ver *O Uruguai* como uma denúncia da máquina civilizatória em terras americanas. Independente da convenção arcáde, isto é, da alegoria fundadora dos textos da época, a obra de Basílio da Gama extrapola os limites interpretativos dados pelo arcadismo e pela visão romântica sacralizadora a respeito do índio. O caráter denunciatório da obra, no entanto, só passa a ser expresso se entendermos a "razão metonímica" que a governa.

N'Os sertões, a parte referente à implantação do aparato modernizador e civilizatório no sertão baiano ocupa um pouco mais da metade da malha narrativa. Isso não teria importância se não fosse o caso da relação que se estabelece com a visão metonímica, sensivelmente mais articulada e explicitada por Euclides da Cunha. Ao narrar as minúcias dos percalços de guerra por que passam os canudenses, o autor notoriamente faz referência ao Brasil como um todo.

É interessante observarmos a esse respeito o procedimento simetricamente construído em oposição ao esquema generalizador da obra que do geral desemboca na particularização do objeto em vista. Assim se dá na primeira parte, A terra, como também na segunda, O homem. Nesses trechos, o narrador lança, primeiramente, um olhar bastante amplo a respeito daquilo sobre o qual irá narrar, para depois deter-se no elemento particular de sua atenção. A obsessão pela minúcia não é apenas devida ao caráter de Euclides da Cunha, mas, de certa forma, advém de uma imposição da estética dominante e da pretensão em produzir um relato científico sobre a Guerra de Canudos. A extensão de sua narrativa, então, não é apenas gratuita, mas resultante da necessidade inerente à estrutura composicional que ambiciona contar a "verdade" dos fatos em Canudos. À concisão de um corresponde a extensão de outro.

Mesmo assim, consideramos pertinente nossa proposta de diálogo tendo em vista alguns elementos originários de *O Uruguai* se encontrarem n'Os sertões. Tal se dá, por exemplo, em relação ao contato direto entre duas civilizações que se encontram em estranhamento. Lá, tratava-se de europeus portugueses que se apoderavam do território dos guaranis; aqui, são os brasileiros do litoral se apropriando do interior de país.

Como ocorre no poema de Basílio da Gama, a intenção belicosa em *Os sertões* é, de antemão, assegurada pelo narrador, quando se refere à necessidade de uma força de cem soldados para reprimir a revolta. Quase no fim do texto, o general brasileiro repete, altaneiramente, o gesto do general português e oferece a paz em troca da submissão humilhante: "– Pois bem. A sua gente não pode resistir, nem fugir. Volte para lá e diga aos homens que se entreguem. Não morrerão. Garanto-lhes a vida. Serão entregues ao Governo da República. E diga-lhes que o Governo da República é bom para todos os brasileiros. Que se entreguem. Mas sem condições; não aceito a mais pequena condição [...]" (p. 604).

A última expedição militar ao reduto de Canudos faz apagar a vergonha dos sucessivos fracassos e resulta, através de um imen-

so assomo de paixão e sangue, um genocídio que não poupa os últimos habitantes exaustos: dois homens adultos, um velho e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados. O fogo é ateadado como medida profilática, já que havia muitos cadáveres insepultos. Mas simbolicamente esse mesmo fogo queima (ou tenta queimar) as marcas de uma outra civilização que foi exterminada.

A sensação de loucura atribuída aos soldados do Exército Brasileiro, metonimicamente aludindo aos habitantes do litoral, isto é, urbanos, civilizados, modernos e essencialmente republicanos, encontra respaldo nas últimas frases enunciadas por um narrador já não mais impassível frente seu objeto de estudo: "Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência dissesse a última palavra. Ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura." Diante da paisagem grotescamente sanguinária, o narrador assume a denúncia acerca do processo de instalação da República num local dela distante e que tinha seus próprios mecanismos de governo. Antônio Conselheiro era voz onipresente em Canudos e em todas as cidadelas adjacentes. Por defender a Monarquia, acabou se tornando alvo de ódio desmesurado. A belicoidade do litoral é, assim, ressonância de uma outra voz: aquela que vem do passado colonial e que com a mesma violência calou o "outro". É o fogo exterminador e purificador da "civilização" que teima em dominar territórios pela força do sangue alheio. Assim se cumpre o vaticínio de Basílio da Gama: "Serás lido Uruguai. / Cubra os meus olhos / Embora um dia a escura noite eterna. / Tu vive, e goza a luz serena, e pura / Vai aos bosques da Arcádia: e não receies / Chegou desconhecido àquela área [...]"